



# DOCTRINA E COMPOSIÇÃO ARTÍSTICA NO *AUTO DA CANANEIA* (1534), DE GIL VICENTE

Palavras-Chave: [GIL VICENTE], [TEATRO RELIGIOSO], [ALEGORIA]

**Autores:**

**MARYNA GALLIANI FALCÃO, IEL - UNICAMP**

**Prof. Dr. ALEXANDRE SOARES CARNEIRO (orientador) IEL - UNICAMP**

---

## INTRODUÇÃO:

O teatro de Gil Vicente é relativamente conhecido dos estudantes brasileiros em função de algumas farsas (como *O Velho da Horta*) ou peças religiosas de características satíricas (como o *Auto da Barca do Inferno*), escritas em português. É interessante observar que o restante de sua extensa obra, menos conhecida no Brasil, e em boa parte escrita em castelhano, nos permite conhecer um escritor bem diverso. O *Auto da sibila Cassandra* (1513), por exemplo, um “Auto de Natal” escrito em castelhano e representado no mosteiro feminino de Enxobregas, nos arredores de Lisboa, chamou a atenção de diversos críticos a partir de 1958, com a publicação de um artigo de Thomas Hart na prestigiada *Hispanic Review*. Este texto motivou como resposta um estudo aprofundado do grande filólogo Leo Spitzer, um dos maiores nomes dos estudos literários do século XX. Seu ensaio (“*A unidade artística do Auto da sibila Cassandra*”, 1959) definiu em grande medida o debate posterior sobre a peça, revelada como obra de grande beleza e complexidade.

Spitzer destacou a capacidade de Gil Vicente de articular, partindo do modelo pastoril, a alegoria religiosa e o drama humano. Para ele, a peça, que incorpora uma série de elementos diversos, solenes e cômicos, líricos e realistas, não seria, como alguns críticos sugeriram, uma construção descuidada. Na sua opinião, não existiria nela “uma miscelânea de motivos seculares e religiosos, mas uma ampliação natural dos últimos a partir dos primeiros.” Isso descreve bem a lógica harmonizadora da peça de Vicente, que incorpora ao drama elementos aparentemente incompatíveis com o tema, como, por exemplo, a adoção de um caráter cômico, cantigas populares, sátira ao casamento, entre outros.

Luciana Stegagno Picchio (*História do Teatro Português*, 1962) apontará também o equívoco de uma parte da crítica vicentina em relegar as produções líricas de linguagem popular que o autor frequentemente incorpora à categoria de “subliteratura”. Stephen Reckert (em *Espírito e Letra de Gil Vicente*, 1983) destacou que, no autor, a poesia nunca é meramente decorativa, mas funciona como um comentário à ação e ao pensamento global do drama.

Estas constatações dão ensejo à possibilidade de abordar, sob a mesma ótica, uma outra peça vicentina que recorre a procedimentos semelhantes; peça que se abre, aliás, com um diálogo pastoril entremeado de cantigas alusivas a uma leitura particular de certa passagem evangélica. Dessa vez escrita em português, ela também articula de maneira sugestiva elementos aparentemente díspares em torno ao tema religioso. Refiro-me ao *Auto da Cananeia*, de 1534, que, como no caso de *Sibila Cassandra*, foi apresentado em um outro mosteiro feminino (de Odivelas), seguindo o ciclo litúrgico. Também comum às duas produções, a exploração doutrinária do evangelho dita a construção da ação do auto, bastante curto, convergindo para um ensinamento diretamente ligado aos princípios a serem extraídos das passagens bíblicas.

Essa exploração, como mostra Auerbach (em *Figura*, 1997), se relaciona ao topos da prefiguração, um procedimento hermenêutico que propõe que toda a história humana poderia ser ressignificada à luz dos acontecimentos anteriores e posteriores. Isso confere uma importante ferramenta para que Gil Vicente configure o mundo pagão e o veterotestamentário num mesmo plano, e os utilize para realçar o sentido da mensagem bíblica para a conduta do cristão. Como podemos observar, a engenhosidade do autor na criação de peças devocionais vai além da simples alusão ao religioso. O uso cuidadoso de alegorias e elementos populares, ou farsescos (no caso da *Cananeia*), constrói uma narrativa expressiva que tem por objetivo a revelação de uma mensagem, ou ensinamento. O efeito final é de grande harmonia e eficácia persuasiva.

Essa peça é, resumidamente, um comentário artístico à famosa passagem dos Evangelhos de Mateus (15,21-28) e de Marcos (7,24-30), em que a mulher Cananeia pede ao Cristo que livre sua filha dos demônios que a atormentam. Assim como o *Auto de sibila Cassandra*, o *Auto da Cananeia* tem seu desfecho na figura de Cristo, em que os personagens encontram a redenção de seus atos diante de uma lição divina. Dessa forma, o plano da salvação prevalece sobre o mal ou o orgulho humano, explicitando a mensagem principal contida nos autos. O desfecho é a conclusão de um processo linear, como em toda obra, mas é também uma recuperação da alegoria inicial, em um conjunto muito equilibrado que tenta explorar, em ágeis variações, ao mesmo tempo a atemporalidade e a historicidade da doutrina cristã.

As peças religiosas de Gil Vicente têm como uma das características o uso de um tipo especial de alegoria, isto é, a leitura figural de passagens do evangelho cristão. A isto, são incorporados elementos líricos e cômicos da tradição “popular”, que contribuem para a articulação do drama humano à trama, e para a reflexão pretendida. Tendo como ponto de partida algumas análises já produzidas sobre *Auto da sibila Cassandra* (1513), obra devocional que gerou importante repertório crítico, analisaremos de forma comparativa uma peça menos conhecida, o *Auto da Cananeia* (1534), com o intuito de compreender a concepção das duas obras fundamentadas no uso alegórico de passagens bíblicas a que são incorporados elementos da lírica comumente usados por Gil Vicente, resultando em uma composição de caráter didático religioso de grande efeito artístico.

## METODOLOGIA:

O método de desenvolvimento do projeto consiste de forma geral em uma leitura comparativa do *Auto da sibila Cassandra* (1513) e do *Auto da Cananeia* (1534) baseada na bibliografia disponível sobre as peças. Como a primeira recebeu muita atenção da crítica, partimos do ensaio de Leo Spitzer mencionado acima e dos textos de Margarida Vieira Mendes (*Cassandra*, 1992) e Alexandre Soares Carneiro (*Poesia e doutrina em Gil Vicente*, 2007) para identificarmos questões-chave presentes em ambas. Além da bibliografia específica, recorreremos a obras mais amplas sobre o teatro vicentino, indicadas em nossa Bibliografia, além de outras peças com características semelhantes, nomeadamente o *Auto da História de Deus* (1527). A reunião dessas questões permitiu que fizéssemos as associações necessárias para abordar a segunda peça. Pretendeu-se organizar os resultados parciais e articular as informações de modo a construir uma análise estrutural do *Auto da Cananeia*. Foi estipulado o seguinte cronograma a ser seguido durante o período de desenvolvimento da pesquisa:

<b>1º Trimestre</b>	-Leitura e fichamento das peças. -Leitura da bibliografia crítica selecionada
<b>2º Trimestre</b>	- Reunião das primeiras impressões - Escrita do relatório parcial
<b>3º Trimestre</b>	- Ampliação da bibliografia fundamental sobre alegoria, interpretação bíblica, teatro medieval, renascimento português, etc.
<b>4º Trimestre</b>	- Elaboração da análise principal - Escrita do relatório final

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Como previsto na metodologia, a partir da leitura dos artigos de Leo Spitzer, Margarida Vieira Mendes e Alexandre Soares Carneiro, estabelecemos as questões chaves e noções comuns às duas peças. A exploração doutrinária do evangelho dita a construção da ação dos autos, convergindo para um ensinamento diretamente ligado aos princípios a serem extraídos das passagens bíblicas, no caso da *Cananeia*, o ensinamento da oração do Pai-Nosso, presente em outra passagem evangélica (Mt. 15, 21-28). Outros temas importantes são a alegoria (ou a leitura figural) como princípio estruturante; o caráter didático da representação; o uso da lírica como chave interpretativa sugerida pelo autor; a composição em quadros, com a variedade de abordagens convergindo para a intensificação do efeito doutrinal, em que o *delectare* contribui para o *docere*.

De forma mais detalhada e com o auxílio da bibliografia escolhida, foi possível estabelecer associações entre os elementos de composição nos dois autos, observando como estavam inseridos no *Auto da Cananeia* em comparação a *Sibila Cassandra*. Dentre os resultados obtidos, destacamos principalmente sobre os elementos da tradição popular e da lírica, as contraposições

do *Auto da sibila Cassandra*, (Segundo Margarida Vieira Mendes em *Cassandra*) o tom da peça, que oscila entre jocoso e devoto, rústico e teológico, familiar e bíblico, prosaico e poético. Testemunhamos também segundo Spitzer, em seu ensaio já citado, a mescla de representantes das mais diferentes civilizações (judaísmo e paganismo unidos na aceitação do cristianismo). Há a presença de elementos análogos no *Auto da Cananeia*, onde a cena inicial, uma cantiga revezada com diálogos (em tom de comédia) entre três pastoras, cada uma representando uma etapa da humanidade (pagã, judaica e cristã), é um comentário ao papel redentor do Cristianismo, exemplificado pela prédica emanada pelo próprio Cristo. Somado a isso, o diálogo burlesco em sequência entre dois demônios que tramam a possessão da filha da Cananeia, além de entreter ou divertir, avança a trama que converge para o mistério natalício, sendo os elementos profanos mais do que supostos ornamentos, assinala Mendes. As cantigas, por sua vez, a partir de Sibila Cassandra, assumem uma função estruturante no esquema das peças, pontuando o espetáculo ou abrindo e fechando sequências (Complementam Reckert e Mendes em *Espírito e letra de Gil Vicente e Cassandra*, respectivamente). O que, como descrito, é explorado nas cenas iniciais da Cananeia.

Além disso, sobre a alegoria, verifica-se, na peça protagonizada por Cassandra (como aponta Alexandre Carneiro em *Poesia e Doutrina em Gil Vicente*), uma superposição de personagens, que são ao mesmo tempo personagens bíblicos e pagãos. Eles funcionam como porta-vozes dos valores de uma sociedade tradicional. Reckert, em seu texto citado anteriormente, credita ao *Auto da sibila Cassandra* o primeiro exemplo no teatro literário desse procedimento que vai além da alegoria tradicional, o chamado “presente intemporal”. A sequência alegórica, associada à passagem evangélica, no *Auto da Cananeia*, também mostra um uso muito livre dos tempos históricos, sugerindo uma superposição de eras, ou o mesmo efeito de um “presente intemporal”. Deixam de ser aplicáveis as categorias de passado e futuro, e que constituía a *conditio sine qua non* da gênese do auto sacramental. O autor “transporta” para o palco os acontecimentos bíblicos.

Spitzer, a partir disso, explica que estamos, no caso da Sibila Cassandra, e analogamente estendemos à Cananeia, diante do conhecido “topos da prefiguração” (ou Realprophetie, conforme Erich Auerbach designou, na literatura medieval vernacular e patrística): o vínculo figurativo-antecipatório de figuras e acontecimentos pré-cristãos com figuras e acontecimentos cristãos, nos quais os primeiros, levados à cena de tal modo que lembrem a “Representação dos Profetas”, culminam com o traço adicional da união entre o Antigo Testamento e o mundo pagão em uma “profecia” comum da época de Cristo.

As leituras sobre os temas relacionados à pesquisa como a alegoria e a leitura figural e a presença dos demônios nas moralidades da Europa medieval ajudaram no entendimento mais aprofundado das questões das duas peças, a fim de estabelecer o embasamento necessário à elaboração da análise estrutural do *Auto da Cananeia*, a ser proposta no relatório final do projeto.

## CONCLUSÕES:

As peças de religiosas de Gil Vicente muitas vezes têm sido classificadas por críticos vicentinos como de pouca expressão teatral ou pouco desenvolvidas em relação ao resto da obra do dramaturgo. O *Auto da sibila Cassandra*, apesar de ter ganhado considerável repercussão, tem sua genialidade bastante questionada. Quanto ao *Auto da Cananeia*, apesar de utilizar de recursos bastante semelhantes à primeira, tem pouco reconhecimento e escassa fortuna crítica. Parte importante de nosso trabalho foi também a busca de bibliografia específica da peça, que muitas vezes se resumia apenas a rápidas menções nos textos que exploravam a obra de Gil Vicente.

A partir de seu estudo, de modo comparativo a outra peça semelhante, pretendeu-se entender como Gil Vicente construiu o *Auto da Cananeia*, de modo a reconhecer seu potencial não só doutrinal, mas também artístico, visto que aqui os elementos da tradição popular não são apenas aleatórios, mas cuidadosamente pensados para cumprirem a função de conduzir a trama em direção ao ensinamento pretendido. Junto à leitura figural de passagens do evangelho, que permite situar pessoas e acontecimentos veterotestamentários junto a pessoas e acontecimentos posteriores, Gil Vicente, assim como no *Auto da sibila Cassandra*, coordena os elementos a fim de oferecer ao espectador uma representação do poder de Deus de triunfo sobre o mal.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ARTIOLI, Tatiane. Alegoria e visão teológica da história em tres autos vicentinos. 2005. 129 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP.
- AUERBACH, Erich. *Figura*. São Paulo: Ática, 1997.
- CAMPOS, Agostinho de. *Auto da cananeia: texto princeps, texto modernizado. Anotações e Comentários*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1938.
- CARNEIRO, Alexandre Soares. Poesia e Doutrina em Gil Vicente. In: VICENTE, Gil. *Auto da sibila Cassandra*. Edição de Alexandre Soares Carneiro, Orna Messer Levin. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- MENDES, Margarida Vieira. *Cassandra*. Lisboa: Quimera, 1992.
- MOREIRA, José. *História de Deos*. Lisboa: Quimera, 1990.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História do teatro português*. Lisboa: Portugalia, 1969.
- RECKERT, Stephen. *Espírito e letra de Gil Vicente*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983.
- SPITZER, Leo. A unidade artística do Auto da sibila Cassandra. In: VICENTE, Gil. *Auto da sibila Cassandra*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- VICENTE, Gil. *Auto da sibila Cassandra*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.